

ROCHAS EPICLÁSTICAS E PEPERITOS DO GRUPO SERRA GERAL NA REGIÃO DE VERANÓPOLIS (RS): ESTUDO PRELIMINAR

Vinícius G.P da Cruz¹; Evandro Fernandes de Lima²; Lucas M.M Rossetti²; Marcos M.M Rossetti

¹ Bolsista de IC do programa CNPq/UFRGS; ² Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A Província Ígnea Paraná tem sua origem relacionada a fase pré-rifte do Gondwana e a abertura do Atlântico Sul. Possui uma área de aproximadamente 917 000 km² concentrada na região sul-sudeste do Brasil, além de Argentina, Uruguai e Paraguai. A sequência engloba predominantemente basaltos e basaltos andesíticos (97,5%) e subordinadamente vulcânicas ácidas (2,5%). Sucessivos trabalhos do grupo de pesquisa CNPq-UFRGS – Petrologia e Estratigrafia de Sequências Vulcânicas – vêm considerando a sucessão vulcânica como uma complexa associação de litofacies que refletem as modificações na dinâmica e evolução física do vulcanismo. As rochas vulcânicas da região sul da Província Paraná (Calha de Torres) foram agrupadas no Grupo Serra Geral (GSG), a partir de quatro formações estratigráficas. Na base a Formação Torres (FT) é composta pelos basaltos quimicamente mais primitivos, sendo caracterizada por fluxos *pahoehoe* composto até simples. A Formação Vale do Sol (FVS) sucede a FT, agrupa basaltos andesíticos e basaltos em uma espessa sucessão de *rubbly pahoehoes*, representa a colocação de *flood basalts*. Dacitos e riolitos da Formação Palmas (FP) sobreponem lavas da FVS na porção oriental e central e colocam-se diretamente sobre a FT na porção ocidental. No topo da sequência vulcânica ocorrem *pahoehoes* compostas da Formação Esmeralda (FE), que parecem representar o declínio da atividade vulcânica da sequência baixo TiO₂ na Calha de Torres. Rochas epiclásticas ocorrem ao longo da pilha vulcânica, marcando os períodos de quiescência vulcânica e em alguns casos são guias estratigráficos. Trabalhos de campo nas regiões de Herveiras-Barros Cassal (RS) e Veranópolis (RS) identificaram rochas epiclásticas, vulcanoclásticas e peperitos associados ao GSG. Na FT ocorrem arenitos, que preenchem pequenas depressões entre as unidades de fluxo, com laminação cruzada tangencial marcada por níveis milimétricos de silte-argila. Na FVS ocorrem corpos de arenitos de pequenas dimensões, principalmente preenchendo o espaço entre a brecha de topo. Na localidade da Usina Velha (Veranópolis) identificou-se a interação entre lavas e diques ácidos sin vulcânicos com depósitos vulcanoclásticos. No contato do dique com a fração vulcanoclástica a interação é marcada por uma transição de hialoclastitos *in situ*, passando para uma facies de textura *jig-saw* com fragmentos hialoclasticos, finalmente chegando a uma fácies coerente originalmente holohialina além de lavas felsicas também vítreas. Na região de Barros Cassal (RS) observou-se uma camada de arenito com estratificação plano-paralela, e, até 2m de espessura, interdigitado com um derrame vitrofílico que apresenta diques e fraturas irregulares preenchidas por areia. Assume-se como postulado que a região de Veranópolis representou um baixo estrutural durante o vulcanismo, em virtude de sua maior concentração de depósitos epiclástico e vulcanoclásticos e a presença de água em relação a outras áreas da Calha de Torres. Os peperitos apresentam feições de uma fragmentação promovida por processos de interações entre magma e água, em especial na FP. O projeto esta em andamento e a investigação mais detalhada da fração sedimentar/vulcanoclástica auxiliará na reconstrução paleoambiental da Calha de Torres. Propõe-se um detalhamento nos trabalhos de campo, petrografia e MEV para caracterização, que poderão restringir as litofacies epiclástica/vulcanoclástica e esclarecer aspectos relacionados a o ambiente deposicional.

PALAVRAS-CHAVE: PEPPERITO, CALHA DE TORRES, EPICLÁSTICAS